

WM. PAUL YOUNG
com Wayne Jacobsen e Brad Cummings

A CABANA

Tradução de Fernando Dias Antunes

A Cabana

Wm. Paul Young

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

The Shack

© Wm. Paul Young 2007

In Collaboration with Wayne Jacobsen and Brad Cummings

Design da capa: © Motion Picture Artwork © 2017 Summit Entertainment. All Rights Reserved

Adaptação para a versão portuguesa: NOR267

1.ª edição: outubro de 2009

Reimpresso em março de 2017

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 298171/09
ISBN 978-972-0-04178-4

Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Índice

Nota do Autor

Prefácio

1 Uma confluência de caminhos	17
2 A escuridão envolvente	27
3 O ponto de viragem	37
4 A grande tristeza	47
5 Adivinha quem vem jantar	69
6 Um pedaço de π	89
7 Deus no cais	105
8 Um pequeno-almoço de campeões	115
9 Há muito tempo, num jardim muito, muito distante	127
10 Caminhar sobre a água	139
11 Lá vem o juiz	151
12 No ventre das feras	169
13 Um encontro de corações	183
14 Verbos e outras liberdades	193
15 Um festival de amigos	207
16 Uma manhã de tristezas	215
17 Escolhas do coração	227
18 Ondas de longo curso	235
Posfácio	243
Agradecimentos	245

Nota do Autor

Já passou quase uma década desde que 11 000 exemplares de *A Cabana* foram enviados de uma pequena gráfica para uma casa na Califórnia. O que começou com 15 exemplares impressos numa loja de material de escritório, um presente de Natal para os nossos seis filhos, tornou-se um fenómeno inimaginável e que apanhou todos de surpresa.

Três homens, Wayne Jacobsen, Brad Cummings e Bobby Downes, queriam ver esta história a ganhar vida no grande ecrã, mas parecia mais sensato reproduzi-la primeiro em papel. Depois de o primeiro rascunho completo ter sido ignorado ou rejeitado por 26 editoras, o Wayne e o Brad decidiram fundar a sua própria editora, a Windblown Media, com uma obra inicial, *A Cabana*. Cada um deles contribuiu com um terço do custo original da primeira tiragem e um amigo emprestou-me o restante.

Nunca foi minha intenção tornar-me um autor publicado. Atribuo tudo isto ao bondoso sentido de humor de Deus. O meu objetivo pessoal era pagar as contas e ajudar a alimentar e a vestir a minha família e, para tal, mantinha três empregos em simultâneo. Um deles era um trabalho fisicamente pesado e os outros eram online e, embora todos fossem de salário reduzido, garantiam o “necessário” para pagar a renda e comprar bens de primeira necessidade. Éramos felizes, algo que o dinheiro nunca poderá comprar.

O Wayne e o Brad encontraram uma gráfica próxima e, em maio de 2007, os primeiros exemplares foram entregues na garagem do Brad. Ele oferecera-se para fazer grande parte do “trabalho pesado”, expedindo

livros à noite, uma vez que os seus dias eram ocupados com a instalação de sistemas de rega nos jardins dos seus clientes. O Wayne, também ele um autor, arranhou espaço na sua agenda de orador e escritor para me ajudar a melhorar o enredo durante os dois anos de edição e reescrita. O que aconteceu depois, nenhum de nós previu.

Eu decididamente não o fiz. O objetivo era este: a Windblown Media venderia a primeira tiragem ao longo de dois anos, tentando chegar aos 100 000 exemplares em cinco anos, altura em que os três esperavam que Hollywood lhes batesse à porta com a ideia de um filme.

É bem verdade que ignorância é felicidade. Em retrospectiva, e depois de um acentuado processo de aprendizagem, sei agora que o nosso objetivo era ingénuo e incrivelmente otimista, mas dificilmente realista. Nessa altura, não sabia que um livro medianamente bem-sucedido vende apenas cerca de 3000 cópias durante toda a sua existência e que um romance com vendas de 7500 exemplares é um *bestseller*. Tínhamos 11 000 cópias numa garagem, um website, mas nenhuma estratégia real de promoção ou marketing.

Tudo bem! Eu estava ocupado a descarregar baldes de 27 kg de recheio de peru para dentro de funis numa fábrica de processamento alimentar, a expedir pontas de soldadura, a limpar casas de banho num representante de um fabricante de placas de circuitos e a agir como um adorado disco-jóquei na Internet, auxiliando empresas com as suas conferências via web.

Depois, as coisas tornaram-se frenéticas e alucinantes. O que era suposto demorar dois anos aconteceu em três meses e meio. As pessoas encontravam o website e encomendavam um livro. Umhas semanas mais tarde, regressavam e encomendavam vários exemplares ou até caixas deles. E eu comecei a receber emails de leitores de todo o mundo, mensagens que eram dolorosas e deslumbrantes, belas e tristes, e que me diziam como este pequeno livro tinha cruzado as suas vidas “mesmo no momento certo”. Contavam-me histórias comoventes e assombrosas do impacto transformacional das questões e conversas incluídas em *A Cabana*.

Editoras, mesmo algumas das que nos haviam rejeitado, e livreiros começaram a contactar o Brad e o Wayne oferecendo-se para ajudar com o marketing, as vendas e a distribuição. O termo “fogo incontrolável”

começou a ganhar forma – uma anomalia imprevista que toma toda uma paisagem. Nos primeiros 13 meses, de maio de 2007 a junho de 2008, a Windblown Media gastou menos de \$300 em marketing e publicidade e expediu quase 1,1 milhões de cópias de *A Cabana*. Em junho de 2008, *A Cabana* estreou-se na lista de *bestsellers* do *New York Times* em 1.º lugar, onde permaneceu por 49 semanas seguidas.

Tal devia fazê-lo rir. Isto não é, certamente, indiciador do nosso brilhantismo ou argúcia. Isto foi uma “coisa de Deus”. Uma combinação dos mistérios de *timing* e da nossa participação, que não poderá ser repetida e que, provavelmente, frustraria quem o tentasse.

Nos últimos anos, *A Cabana* foi traduzida para mais de 50 línguas e vendeu, pelo menos, 19 milhões de cópias em todo o mundo, o que a colocou (oficiosamente) no top 100 dos *bestsellers* de ficção de todos os tempos. E agora o filme!

No entanto, foram as histórias que surgiram em torno de *A Cabana*, *A Travessia* e agora *Eva*, que me tocaram profundamente. Cada ser humano é uma história e, quando partilhamos as histórias das nossas vidas, estamos a falar sobre Terreno Sagrado, onde o pó da criação se encontra com o fogo que purifica, a ação de Deus no milagre da nossa humanidade. Penso que é por isso que nascemos descalços, porque somos concebidos para caminhar sobre Terreno Sagrado. Deixe-me contar-lhe apenas uma história das milhares que me enviaram ou que me foram contadas.

Grande parte do filme *A Cabana* foi filmado no sul da Colúmbia Britânica, a mais ocidental das províncias do Canadá e onde vive a minha família mais chegada. A Lionsgate, o Gil Netter (o produtor) e o Stuart Hazeldine (o realizador) convidaram-me, atenciosamente, em duas ocasiões distintas para passar um dia no local das filmagens. A primeira vez foi no primeiro dia de rotação, quando me pediram que rezasse pela bênção do elenco e da equipa. Que dia surreal! Conheci o Mack, a Nan, os miúdos, o Willie, os cerca de 50 membros da equipa e outros elementos do elenco, mas Papá, Jesus e Sarayu não estavam lá, pelo menos, não numa qualquer forma visível.

O segundo convite foi próximo do final do calendário de filmagens. Sugeriram-me que fosse para a Colúmbia Britânica numa quarta-feira, passasse a quinta-feira num dos exteriores e regressasse na sexta-feira.

Não sabia qual dos muitos sítios seria, o que estaria a ser filmado, ou quem lá estaria. Os filmes não são filmados por ordem sequencial. Depende da disponibilidade do ator e do espaço, bem como de uma miríade de outros pormenores. Mas... que interessa, certo? Isto é tão divertido!

Levou anos, mas hoje estou convencido, no meu coração e na minha mente, de que Deus é bom, sempre, e se envolve nos detalhes das nossas vidas, de formas misteriosas – tanto amáveis como agressivas, mas como realidades quânticas, muitas vezes por trás do percebido e com pequenos incitamentos, um palpite, uma ideia, que surge de súbito na nossa consciência. Acredito que todos os seres humanos ouvem Deus por si próprios, mas na sua linguagem única, muitas vezes tão normal para cada um de nós que fazemos pouco caso disso.

Minutos depois de ter recebido o segundo convite, surgiu um pensamento na minha cabeça (vê, cá está): “Hum, tenho tentado conhecer pessoalmente o Brad Jersak e ele vive no sul da Colúmbia Britânica... Será...” Já conhecera a Eden, a sua mulher, mas o Brad estava sempre para fora. Ele é teólogo, orador, escritor e parte do corpo docente de um seminário em Inglaterra, por isso, nem sequer sabia se ele estava no mesmo continente na altura. Enviei-lhe um email a dizer que iria lá e a questionar se ele teria tempo para se encontrar comigo. Eu tinha acabado de apoiar o seu último livro e ele havia lido o manuscrito de *Eva*, por isso, tínhamos muito que conversar.

Dez minutos depois, ele respondeu: “Posso ir buscar-te ao aeroporto de Vancouver, BC? Podíamos almoçar, passar a tarde juntos, jantar com a Eden e, depois, deixava-te no hotel no vale.”

Falei com o pessoal do transporte e eles ficaram contentes por pouparem uma viagem de ida e volta de quatro horas. Então, enviei as boas notícias ao Brad.

A resposta seguinte do Brad deixou-me atordoado. Enviou-me um email com uma foto em anexo e escreveu: “Enquanto trocávamos emails, passeava pela floresta em Cultus Lake com um dos meus grandes amigos de longa data, o Dwight, o homem que me falou de *A Cabana* e me deu o meu primeiro exemplar em 2008. Ele e a mulher, Lorie, têm uma casa de verão e nós viemos visitá-los e eu e o Dwight acabámos de nos deparar com isto...” A foto era uma *selfie* do Brad e do Dwight na floresta e

um sinal com uma palavra e uma seta: “Cabana”. A cerca de dois quarteirões da casa do Dwight e da Lorie ficava um dos exteriores da rodagem do filme e eles nem sequer sabiam.

“Já agora,” continuava o Brad, “*A Cabana* teve um enorme impacto no Dwight e na Lorie. Será que, enquanto aqui estiveres, podias passar uns minutos com eles? É importante saberes que, há três anos, a mais nova dos seus cinco filhos, com 16 anos, não andava bem e acabou com a própria vida. Embora a Lorie seja diretora de formação espiritual, está “presa” nesta Grande Tristeza, desanimada, num sofrimento profundo e, por vezes, furiosa com Deus. O Dwight também, mas ele pensa que, se conseguisse ler *A Cabana* novamente, conseguiria apaziguar o seu coração. Ele não consegue passar do primeiro capítulo.”

“Encontraremos uma solução”, respondi. “Não sei qual será o local das filmagens no dia em que aí estarei, ou o que irão estar a filmar, mas arranharemos tempo.” De súbito, tropecei novamente em Terreno Sagrado, cheio de angústia e dor profunda. A perda de um filho é o ferimento mais profundo no cosmos, e algo que Deus partilha connosco. Tendo permissão, reencaminhei de imediato os emails ao Gil e ao Stuart, com uma nota: “Este é o tipo de histórias que acontece em torno deste livro, por isso, queria que vissem isto. Este filme que estão a rodar é importante e tem o dom de tocar os lugares certos da alma humana e abordar as perdas que todos nós partilhamos.”

Na quarta-feira seguinte, o Brad foi buscar-me ao aeroporto e passámos o dia juntos, tendo jantado com a Eden antes de ele me deixar no hotel em Chilliwack. Era quase meia-noite quando recebi o “programa” para a rodagem de quinta-feira: Cultus Lake, a dois quarteirões da casa do Dwight e da Lorie.

Quando cheguei ao local das filmagem na manhã seguinte, encontrei o Gil, a Lani (a mulher do Gil que é uma evangelista do *A Cabana*) e o Stuart. “Lembras-te daquele email que te enviei? Será que os meus amigos poderiam vir aqui ao local de rodagem?”

Sem hesitação, a resposta foi “sim”. Enviei uma mensagem ao Brad e, 20 minutos depois, o Brad, a Eden, o Dwight e a Lorie chegaram à zona do lago e foram recebidos de braços abertos pelo elenco e pela equipa de cinema, a maioria dos quais não fazia ideia da história deles. Eles eram amigos e isso bastava. Soube, mais tarde, que o terapeuta da Lorie, John,

se sentiu “incentivado” a encorajá-la a passar algum tempo comigo e a “estar aberta”, porque “tudo pode acontecer num piscar de olhos.”

Neste exterior havia uma reprodução perfeita da Cabana, uma das três que eles construíram e demoliram de acordo com a parte do livro que estavam a filmar. Ainda não sabia que cena iria ser gravada, mas seria aqui nesta Cabana restaurada e maravilhosamente trabalhada. Nós os cinco fomos encaminhados para uma tenda, onde o produtor, o realizador e a Lani tinham aquelas cadeiras icónicas de realizador para verem nos grandes ecrãs os planos e ouvirem com auscultadores as cenas, enquanto os atores desempenhavam os seus papéis. À nossa espera, tínhamos cinco cadeiras com auscultadores, onde nos instalámos para assistir às filmagens.

Talvez não o saiba, mas cada cena de um filme é gravada várias vezes, de diversos ângulos, com diferente iluminação, ênfase nas palavras ou nas ações dos atores, etc. Depois, todos esses takes serão transformados naquilo que, um dia, o público irá ver, o que torna o trabalho final de corte e edição uma parte essencial e decisiva do processo criativo.

Durante a hora e meia seguinte, vimos esta cena ser gravada e regravaada: Mackenzie tinha passado uma noite agitada na Cabana, com pesadelos, e, quando aparece no alpendre de manhã, parece desalinado e desorientado. Papá espera-o com o pequeno-almoço pronto e Mack senta-se, em silêncio, mas não toca na comida.

Papá, que o cumprimenta afetuosamente e continua a falar, finalmente para e diz: “Sabes, Mackenzie. Parte do teu problema é tu não acreditares que Eu sou bom e, até acreditares que Sou bom, não confiarás em Mim.”

Era um “daqueles” momentos. Podia ver-se a luta e a fúria controlada marcadas na face de Mackenzie. Por fim, ele disparou: “Porque havia de confiar em Ti? A minha filha morreu!”

Ficámos atónitos. De todas as cenas, logo esta. Olhei de relance para o Dwight e para a Lorie e vi as lágrimas escorrerem-lhes pela cara abaixo. Estávamos todos a chorar. Mas eles continuaram ali enquanto víamos e revíamos a cena.

Muitas outras coisas aconteceram naquele dia. Todos nós conseguimos conhecer Papá (Octavia Spencer), Jesus (Aviv Alush — um ator judeu étnico para fazer de Jesus, que ideia) e Sarayu (Sumire), mas, para

além de todos os seus abraços havia o Inexorável Afeto de um Deus que é sempre Bom e envolve-se em todos os detalhes das nossas vidas.

Aquele dia mudou-nos a todos, especialmente à Lorie e ao Dwight. De certo modo, todo aquele dia foi para eles, foi Deus a sussurrar que Eles conheciam a dor e o sentimento de abandono, mas que nunca desistiram e que “gostavam especialmente deles.”

Considere os elementos que tiveram de ser entrelaçados: o local da filmagem; eu ser convidado naquele dia em particular; o Brad estar na Colúmbia Britânica; ele e o Dwight estarem a passear pela floresta; esta ser a cena a ser gravada; e, além de tudo isto, o intrincado *timing* de cada elemento. Se me disser que isto é coincidência, dir-lhe-ei que a coincidência tem um Nome.

Enquanto escrevia esta nota, recebi um email da Lorie. Ela escreveu:

“Acordei e lembrei-me de Octavia a andar pelos campos perto do lago, tão consciente dos seus traços e esforçando-se tanto para interpretar o seu papel pungente e, depois, tomando parte na minha dor e sarando à medida que ela se abria comigo sobre uma perda que ela própria sofrera. Lembro-me de Sam Worthington vir ter contigo à tenda do realizador, procurando humildemente o teu toque e inspiração e, depois, gritar para o ar noturno com o ancoradouro como fundo, quase em agonia, como se transmitisse a mensagem das suas falas para aquela pessoa que ele tanto queria que a “recebesse”. As lágrimas intensificam-se quando recordo o esforço incessante e as energias fervorosas vazadas naquele dia, para que eu (e milhões) a “recebêssemos”. Espero sinceramente que milhões de corações recebam deste filme a custosa, mas desinteressada, Graça Extraordinária que esta poderosa história apaziguadora canta para cada um de nós no Grande Abraço.”

Um dia perguntei ao nosso filho, que está a terminar um doutoramento em Estatística, sobre histórias como esta, onde o entrançado do *timing* e dos acontecimentos está para lá do explicável: “Ei, Chad, qual é a probabilidade de isto acontecer?”

Ele rasgou um sorriso e respondeu: “Pai, é de 100%.”

“Claro”, ri-me, dando-me conta da profunda simplicidade do que ele dissera. “Claro!”

Esta história foi escrita para os meus filhos:

Chad – o Profundo Gentil

Nicholas – o Explorador Sensível

Andrew – o Afeto Generoso

Amy – a Alegre Conhecedora

Alexandra (Lexi) – o Poder Resplandecente

Matthew – o Belo Prodígio

E dedicada, em primeiro lugar,

a Kim, a minha Amada – obrigado por salvares a minha vida

E, em segundo lugar, a:

"... todos nós, os errantes, que acreditamos que o Amor domina.
Levanto-nos e deixemos que ele brilhe."

Prefácio

Quem não ficaria cético ao ouvir um homem afirmar que passou um fim de semana inteiro com Deus, ainda por cima numa cabana? Sobretudo *naquela* cabana.

Conheço Mack há pouco mais de vinte anos, desde o dia em que fomos os dois a casa de um vizinho para o ajudar a embalar feno para as suas poucas vacas. Desde então, temo-nos encontrado para passar o tempo e beber um café — ou, no meu caso, um chá preto superquente, com soja. As nossas conversas dão-nos um profundo prazer e são sempre salpicadas de muito riso e, de vez em quando, de uma ou duas lágrimas. Francamente, quanto mais velhos ficamos, melhor nos damos, se é que me faço entender.

O seu nome completo é Mackenzie Allen Phillips, mas a maioria das pessoas chama-lhe Allen. É uma tradição de família: todos os homens têm o primeiro nome igual, mas são conhecidos pelo nome do meio, provavelmente para evitar a ostentação do I, II e III ou Júnior e Sénior. Assim, ele, o avô, o pai e, agora, o filho mais velho têm o nome de Mackenzie. Somente Nan, a mulher dele, e os amigos íntimos o tratam por Mack (embora eu já tenha ouvido alguns estranhos a gritarem-lhe: “Onde aprendeste a guiar, Mack?”).

Nasceu algures no Midwest, no seio de uma família de agricultores de origem irlandesa, de mãos calejadas e regras rigorosas. Ainda que aparentemente religioso e exageradamente rígido, o pai de Mack bebia muito, sobretudo quando a chuva não vinha ou quando vinha cedo de

mais e, quase sempre, entre uma coisa e outra. Mack nunca fala muito do pai mas, quando o menciona, a emoção abandona-lhe o rosto, como se fosse uma maré a vaziar, deixando-lhe os olhos sombrios e sem vida. Pelo pouco que Mack me contou, sei que o pai não era o tipo de alcoólico que caía num sono rápido e feliz, mas antes um bêbedo perverso que batia na mulher e depois pedia perdão a Deus.

A situação chegou a um ponto em que, aos 13 anos e com alguma relutância, Mack abriu o coração a um líder da Igreja, durante um encontro de jovens. Dominado pelo sentimento de culpa do momento, Mack confessou, lavado em lágrimas, que nunca fizera o que quer que fosse para ajudar a mãe nas várias vezes em que vira o pai bêbedo a espancá-la até a deixar inconsciente. O que Mack não sabia era que o seu confessor frequentava a mesma igreja que o pai dele. Quando chegou a casa, o pai esperava-o no alpendre e a mãe e as irmãs não estavam. Mais tarde, Mack ficou a saber que elas tinham sido despachadas para casa da tia May, para que o pai pudesse estar à vontade para dar ao filho rebelde uma lição inesquecível. Durante quase dois dias, amarrado ao grande carvalho que havia nas traseiras da casa, foi espancado com um cinto e com versículos da Bíblia, todas as vezes que o pai acordava de uma bebedeira e pousava a garrafa.

Duas semanas depois, quando finalmente conseguiu pôr-se novamente de pé, Mack simplesmente se levantou e saiu de casa. Mas, antes de partir, colocou veneno para ratos em cada garrafa de bebida que conseguiu encontrar na fazenda. Depois, desenterrou de perto da latrina exterior a pequena caixa de lata onde guardava todos os seus tesouros: uma fotografia de família em que toda a gente franzia os olhos contra o Sol (o pai estava meio afastado); um cromo de basebol de Luke Easter, de 1950; um frasco com mais ou menos 30 ml de Ma Griffe (o único perfume que a mãe alguma vez usara); um carrinho de linha e duas agulhas; uma miniatura do jato F-86 da Força Aérea americana em metal fundido; e todas as poupanças da sua vida: 15 dólares e 13 cêntimos. Esgueirou-se pela sala e deixou um bilhete debaixo do travesseiro da mãe, enquanto o pai roncava, curtindo mais uma bebedeira. O bilhete dizia simplesmente: “Espero que um dia possa perdoar-me”. Jurou que nunca mais olharia para trás e não olhou – durante um longo tempo.

Treze anos é uma idade muito precoce para ser um adulto completo; porém, Mack não tinha muitas opções e adaptou-se rapidamente. Não costuma falar muito sobre os anos seguintes. A maior parte foi passada fora do país, trabalhando pelo mundo, mandando dinheiro para os avós, que o entregavam à mãe. Creio que, num desses países distantes, chegou a pegar em armas e a participar em algum conflito terrível; desde que o conheço, odeia a guerra com um fervor sinistro. Independentemente do que tenha acontecido, quando tinha pouco mais de 20 anos, acabou por ir parar a um seminário na Austrália. Quando Mack se fartou de teologia e filosofia, regressou aos Estados Unidos, fez as pazes com a mãe e as irmãs e mudou-se para o Oregon, onde conheceu Nannete A. Samuelson, com quem casou.

Neste mundo de faladores, Mack é um pensador e um homem de ação. Não diz muita coisa, a menos que alguém lhe pergunte diretamente, algo que a maioria das pessoas se habituou a não fazer. Quando fala, ficamos com a sensação de estarmos perante uma espécie de extraterrestre que vê o panorama das ideias e das experiências humanas de modo diferente de todas as outras pessoas.

O que acontece é que as coisas que ele diz causam um certo desconforto num mundo onde a maioria das pessoas prefere escutar o que já está acostumada a ouvir. Quem o conhece, geralmente, gosta bastante dele, desde que ele mantenha guardados os seus pensamentos. E, quando fala, não quer dizer que as pessoas deixem de gostar dele – o que acontece é que acabam por não ficar muito satisfeitas consigo próprias.

Uma vez, Mack contou-me que, quando era jovem, era mais comunicativo, mas admitiu que a maior parte das conversas que mantinha era um mecanismo de sobrevivência para encobrir as suas feridas; frequentemente, acabava por derramar a dor sobre quem estivesse por perto. Diz que tinha um certo jeito para apontar os defeitos das pessoas e humilhá-las, para manter o seu sentimento de falso poder e controlo. Algo que não era muito simpático.

Enquanto escrevo estas palavras, reflito sobre o Mack que sempre conheci: um indivíduo perfeitamente comum e certamente sem nada de especial, a não ser para quem o conhece de verdade. Está prestes a completar 56 anos, não dá muito nas vistas, tem um pouco de peso a mais e é meio careca, baixo e branco; um retrato que serve para descrever muitos homens

dessas redondezas. Provavelmente, a sua presença não é notada no meio de uma multidão, nem incomoda quem se sente ao seu lado no metro, enquanto ele vai passando pelas brasas, durante a sua viagem ao centro da cidade para a reunião semanal de vendas. Faz a maior parte do seu trabalho no pequeno escritório da sua casa, na Wildcat Road. Vende uma ou outra engenhoca de alta tecnologia que eu não tenho pretensões a entender: aparelhos eletrônicos que, de certa forma, fazem andar tudo mais depressa, como se a vida não fosse já rápida de mais.

Só percebemos como Mack é inteligente se, por mero acaso, escutarmos um diálogo entre ele e um especialista do seu ramo. Isso já me aconteceu, quando, subitamente, a língua falada mal se parecia com a nossa e eu dei comigo a esforçar-me por assimilar os conceitos que jorravam em cascata como um rio de joias. Mack é capaz de falar de forma brilhante sobre quase tudo e, apesar da força das suas convicções, fá-lo de um modo delicado e respeitoso que nos permite manter as nossas.

Os seus temas prediletos são Deus, a Criação e o que leva as pessoas a acreditarem em determinadas coisas. Os seus olhos iluminam-se e o sorriso encurva-lhe os cantos dos lábios. De repente, como se fosse uma criança, o cansaço esvai-se e Mack rejuvenesce, praticamente incapaz de se conter. Porém, ao mesmo tempo, não é muito religioso. Parece ter uma relação de amor-ódio com a religião, e porventura até com Deus, que ele imagina como um ser mal-humorado, distante e altivo. Pequenas farpas de sarcasmo escapam-se por vezes por entre as frestas da sua couraça, como dardos cortantes embebidos em veneno. Apesar de, algumas vezes, ao domingo, aparecermos juntos na mesma igreja local (a 55.^a Assembleia de S. João Baptista, como gostamos de lhe chamar), percebe-se que ele não se sente muito à vontade por lá.

Mack está casado com Nan há pouco mais de trinta e três anos, a maioria dos quais felizes. Diz que ela lhe salvou a vida e pagou um preço alto por isso. Por algum motivo incompreensível, Nan parece amá-lo agora mais do que nunca, apesar de eu ter a sensação de que ele a magoou de algum modo terrível nos primeiros anos. Acho que, tal como as nossas feridas derivam quase sempre de relacionamentos, o mesmo acontece com as nossas curas; e sei que essa bênção raramente faz sentido para quem olha de fora.

De qualquer modo, Mack casou-se. Nan é a argamassa que mantém unidos os ladrilhos da sua família. Enquanto Mack lutou num mundo cheio de tons cinzentos, o dela é fundamentalmente preto e branco. O bom senso é tão natural para Nan que ela nem consegue ver isso como uma dádiva. Criar uma família impediu-a de realizar o seu sonho de ser médica, mas destacou-se como enfermeira e obteve um reconhecimento considerável pelo seu trabalho com doentes de cancro em fase terminal. Enquanto o relacionamento de Mack com Deus é amplo, o de Nan é profundo.

Este casal contraditório teve cinco filhos de uma beleza invulgar. Mack gosta de dizer que os seus filhos ficaram com toda a sua beleza “... porque Nan ainda conserva a dela”. Dois dos três rapazes já saíram de casa: Jon, casado há pouco, trabalha como vendedor de uma empresa local, e Tyler, recém-licenciado na faculdade, está a fazer o mestrado. Josh e uma das duas raparigas, Katherine (Kate), ainda vivem com os pais e frequentam a escola comunitária local. E a que chegou por último é Melissa — ou Missy, como gostávamos de lhe chamar. Ela... bem, já vamos conhecer melhor alguns dos filhos de Mack, ao longo destas páginas.

Os últimos anos foram... como dizer... notavelmente peculiares. Mack mudou: agora, mais ainda do que antes, está diferente e especial. Durante todos os nossos anos de convívio, foi sempre bastante gentil e amável, mas desde a sua permanência no hospital, há três anos, ficou... bem, ainda melhor. Tornou-se uma daquelas raras pessoas que estão totalmente bem consigo próprias. E eu também me sinto mais à vontade na companhia dele do que na de qualquer outra pessoa. Cada vez que nos separamos, tenho a sensação de ter tido a melhor conversa da minha vida, mesmo que tenha sido eu a falar mais. E no que diz respeito a Deus, a relação de ambos deixou de ser difusa. Tornou-se muito profunda. Mas o mergulho saiu-lhe caro.

Os dias de hoje são muito diferentes dos de há sete ou oito anos, quando *A Grande Tristeza* entrou na sua vida e ele quase deixou de falar. Por essa altura, e durante quase dois anos, os nossos encontros foram interrompidos como que por mútuo acordo tácito. Só esporadicamente via Mack na mercearia ou, mais raramente ainda, na igreja; e, embora habitualmente trocássemos um abraço cordial, não falávamos de muita

coisa importante. Para ele, chegava a ser difícil encarar-me. Talvez não quisesse entrar numa conversa capaz de arrancar a crosta da ferida que trazia no coração.

Porém, tudo isso mudou depois de um acidente feio com... Mas lá estou eu outra vez a pôr o carro à frente dos bois. A seu tempo lá chegaremos. Por agora, digo apenas que estes últimos anos parecem ter devolvido a vida de Mack e retirado dos seus ombros o fardo da *Grande Tristeza*. O que aconteceu há três anos mudou totalmente a melodia da sua vida e é uma canção que mal posso esperar para cantar.

Apesar de comunicar bastante bem verbalmente, Mack não se sente seguro na sua capacidade para escrever – algo que ele sabe que me apaixonou. Por isso, pediu-me que escrevesse esta história – a história dele “para as crianças e para a Nan”. Queria uma narrativa que o ajudasse a expressar-lhes a profundidade do seu amor e que os ajudasse a entender o que acontecera no seu mundo interior. Todos conhecemos esse lugar: é onde estamos sozinhos – e porventura com Deus, para quem acredita Nele. É claro que Deus pode estar presente, mesmo para quem *não* acredita. Isso não iria contra o seu estilo. Não é por acaso que lhe têm chamado O Grande Intruso.

A história que se segue é algo com que eu e Mack nos debatemos, durante muitos meses, para colocar em palavras. É um pouco... ou melhor, é *muito* fantástica. Não serei eu a julgar se algumas partes são verdadeiras ou não. Contento-me em dizer que, mesmo que algumas coisas não possam ser cientificamente provadas, talvez sejam verdadeiras. Mas devo dizer, sinceramente, que fazer parte desta história me afetou profundamente, desvendando pormenores da minha intimidade que eu desconhecia; confesso que desejo desesperadamente que tudo o que Mack me contou seja verdade. Na maioria das vezes, sinto-me próximo dele, mas noutras ocasiões – quando o mundo visível de cimento e computadores parece ser o real – perco o contacto e tenho as minhas dúvidas.

Algumas observações finais: Mack gostaria que eu transmitisse o seguinte recado aos leitores: “Se não gostarem desta história, lamentamos... a verdade é que ela não foi escrita para vocês”. Mas, no fundo, talvez tenha sido. A história que se segue é o máximo que Mack consegue recordar daquilo que aconteceu. Esta é a história *dele*, não a minha.

Por isso, nas poucas vezes em que apareço, farei referência a mim mesmo na terceira pessoa – e na perspectiva de Mack.

Às vezes, a memória pode ser uma companheira ardilosa, em especial em relação ao acidente; e não ficarei surpreendido, apesar do nosso esforço conjunto para contar a história com exatidão, se alguns factos e recordações aparecerem distorcidos nestas páginas. Não é intencional. Garanto que as conversas e eventos foram registados com a maior fidelidade possível, tal como Mack os consegue recordar. Portanto, por favor, não se aborreça com ele. Como verá, estas coisas não são fáceis de contar.

Willie

1

Uma confluência de caminhos

*Duas estradas bifurcaram-se no meio da minha vida,
Ouvi um sábio dizer.
Segui a estrada menos usada.
E isso fez toda a diferença, cada noite e cada dia.*

Larry Norman (com um pedido de desculpas a Robert Frost)

O mês de março desencadeou uma torrente de chuvas depois de um inverno invulgarmente seco. Uma frente fria descia do Canadá e era contida por ventos rodopiantes que rugiam pelo desfiladeiro, vindos do leste do Oregon. Embora a primavera estivesse certamente iminente, mesmo ao virar da esquina, o deus do inverno não iria abandonar sem luta o seu domínio arduamente conquistado. Havia um manto de neve recente nas Cascades e agora a chuva congelava, ao embater no chão frígido do lado de fora da casa; motivo suficiente para Mack se enroscar com um livro e uma sidra quente, aconchegando-se no calor da lareira crepitante.

Em vez disso, passou a maior parte da manhã ligado ao computador do escritório na cidade. Sentado confortavelmente no estúdio caseiro, com umas calças de pijama e uma *t-shirt*, fez os seus telefonemas de vendas, a maior parte deles para a Costa Leste. Parava com frequência, ouvindo o som da chuva cristalina a tilintar na janela e vendo o gelo a acumular-se lenta mas persistentemente no exterior. Estava a ficar inexoravelmente encurralado, como prisioneiro do gelo na sua própria casa — para seu grande prazer.

Há qualquer coisa de agradável nas tempestades que interrompem a rotina. A neve ou a chuva gélida libertam-nos subitamente das expectativas, das exigências de resultados e da tirania das reuniões e dos horários.

E, ao contrário da doença, esta é uma experiência mais coletiva do que individual. Quase podemos ouvir um suspiro de alívio erguer-se em uníssono na cidade próxima e nos campos em redor, onde a Natureza interveio para dar uma folga aos exaustos seres humanos. Todos aqueles que são afetados deste modo estão unidos por uma justificação mútua; e o coração fica, súbita e inesperadamente, um pouco mais eufórico. Não serão necessárias desculpas por não comparecer a um ou outro compromisso. Todos entendem e compartilham este singular pretexto; e o súbito aliviar da pressão do trabalho alegra os ânimos.

Também é verdade que as tempestades interrompem negócios e, embora algumas empresas consigam obter alguns lucros adicionais, outras perdem dinheiro — o que significa que existe quem não sinta uma grande alegria quando tudo fecha temporariamente. Mas ninguém pode ser apontado como culpado pela quebra de produção ou por não conseguir chegar ao escritório. Mesmo que a situação só dure um ou dois dias, de algum modo, cada qual sente-se dono do seu mundo pelo simples facto de aquelas gotículas de água congelarem ao bater no chão.

Mesmo as atividades comuns tornam-se extraordinárias. As ações rotineiras transformam-se em aventuras e são frequentemente vivenciadas com uma sensação de elevada clarividência. No fim da tarde, Mack cobriu-se de agasalhos e saiu para lutar contra os cerca de 100 metros da extensa rampa de acesso a veículos que vai até à caixa do correio. O gelo transformara magicamente essa simples tarefa do dia a dia numa batalha contra os elementos: levantou o punho em contestação à força bruta da Natureza e, num ato de desafio, riu-se na cara dela. O facto de que ninguém notaria nem se incomodaria com o seu gesto pouco importava para ele — só o pensamento já o fazia sorrir por dentro.

As bolas de chuva gelada ardiam no rosto e nas mãos enquanto ele subia e descia com cuidado as pequenas lombas do caminho. Mack imaginou que parecia um marinheiro bêbado dirigindo-se paulatinamente para a próxima taberna. Quando enfrentamos a força de uma tempestade de gelo, não caminhamos propriamente com ousadia, numa demonstração de confiança indómita. A tormenta fustiga-nos. Mack teve de se levantar duas vezes antes de finalmente conseguir abraçar a caixa de correio, como se esta fosse um amigo desaparecido há muito.

Parou para apreciar a beleza de um mundo cristalizado. Tudo refletia luz e contribuía para o brilho crescente do fim de tarde. As árvores no campo do vizinho estavam todas envolvidas em mantos translúcidos e agora cada uma delas erguia-se única mas unificada na sua apresentação. Era um mundo glorioso e, por um breve momento, o seu esplendor luzidio quase retirou, ainda que por apenas alguns segundos, *A Grande Tristeza* dos ombros de Mack.

Demorou quase um minuto para arrancar o gelo que tinha selado a tampa da caixa do correio. A recompensa pelo seu esforço chegou na forma de um único envelope onde apenas o seu primeiro nome estava escrito à máquina, do lado de fora; sem selo, sem carimbo e sem remetente. Cheio de curiosidade, Mack rasgou o rebordo do envelope, tarefa que não foi fácil, já que os dedos começavam a enrijecer de frio. Voltando as costas para o vento que lhe tirava o fôlego, conseguiu finalmente arrancar do ninho um pequeno retângulo de papel sem dobra. A mensagem datilografada dizia simplesmente:

Mackenzie,

Já lá vai algum tempo. Tenho sentido a tua falta.

Estarei na cabana no próximo fim de semana, se quiseres encontrar-te comigo.

Papá

Mack ficou rígido ao mesmo tempo que um acesso de náusea percorreu o seu corpo e, com igual rapidez, se transformou em raiva. Esforçava-se por pensar o mínimo possível na cabana e, mesmo quando ela lhe vinha à mente, os seus pensamentos não eram agradáveis nem bons. Se aquilo era uma piada de mau gosto, o seu autor realmente tinha-se excedido. E assinar “Papá” só tornava a situação ainda mais horrível.

– Idiota – resmungou, pensando em Tony, o carteiro: um italiano exageradamente amigável, com grande coração mas pouco tato.

O que o levaria a entregar um envelope tão ridículo? Nem sequer estava selado. Cheio de raiva, Mack enfiou o envelope e o bilhete no bolso do casaco e virou-se para começar a deslizar em direção a casa.

As fortes rajadas de vento que inicialmente o tinham retardado encurtavam agora o tempo necessário para atravessar o miniglaciar que engrossava sob os seus pés.

Estava a ir muito bem, obrigado, até chegar à rampa de acesso, que se inclinava um pouco para baixo e para a esquerda. Sem qualquer esforço ou intenção, começou a aumentar a velocidade, deslizando com sapatos que tinham praticamente tanta tração como a de um pato a pou-sar num lago gelado. Balançando os braços loucamente, na esperança de encontrar uma forma de manter o equilíbrio, Mack não conseguiu evitar ir de encontro à única árvore de tamanho substancial que ladeava a rampa de acesso dos automóveis – a única cujos galhos inferiores ele tinha podado, poucos meses antes. Agora, ela parecia erguer-se ansiosa para abraçá-lo, seminua e desejosa de uma pequena retribuição. Numa fração de segundo, optou por se encolher e tentou estatelar-se no chão, permitindo que os pés escorregassem – o que, de qualquer modo, aconteceria com toda a naturalidade. Sempre era melhor ter o rabo dorido do que o rosto esfolado.

Mas a descarga de adrenalina fê-lo compensar exageradamente e, em câmara lenta, Mack viu os pés erguerem-se à sua frente, como se estivessem a ser içados por alguma armadilha da selva. Bateu com força, primeiro com a nuca, e escorregou até ficar sobre uma elevação na base da árvore lustrosa, que pareceu debruçar-se sobre ele com uma expressão de presunção e enfado, além de uma certa desilusão.

Por alguns momentos, pareceu que o mundo escurecera. Mack permaneceu ali deitado, atarantado e a olhar para o céu, franzindo os olhos, enquanto a precipitação gelada arrefecia rapidamente o seu rosto corado. Durante um breve instante de pausa, tudo pareceu estranhamente quente e pacífico, com a sua cólera temporariamente atordoada pelo impacto.

– E agora, quem é o idiota? – murmurou consigo mesmo, esperando que ninguém estivesse a observar.

O frio entranhava-se rapidamente através do casaco e da camisola e Mack soube que a chuva gelada que estava ao mesmo tempo a derreter-se e a congelar debaixo dele depressa se transformaria num enorme desconforto. Gemendo e sentindo-se muito mais velho, rolou apoiando-se nas mãos e nos joelhos. Foi então que viu um rasto vermelho forte assinalando

o seu trajeto desde o ponto de impacto até ao destino final. Como que gerado pela súbita percepção do ferimento, um latejar surdo começou a subir pela nuca. Instintivamente, Mack procurou a fonte das batidas de tambor e trouxe de volta a mão ensanguentada.

Com o gelo áspero e a gravilha afiada retalhando as mãos e os joelhos, Mack foi meio a gatinhar, meio a deslizar, até conseguir chegar a uma parte plana da rampa de acesso. Com um esforço considerável, conseguiu finalmente levantar-se e avançar cautelosamente, centímetro a centímetro, em direção à casa, humilhado pelos poderes do gelo e da gravidade.

Assim que entrou, Mack livrou-se metodicamente e da melhor maneira que pôde das várias camadas de roupa, com os dedos meio congelados reagindo com quase tanta destreza como se fossem enormes bastões nas pontas dos braços. Decidiu largar aquela roupa encharcada e manchada de sangue ali mesmo na entrada, onde se despira, e encaminhou-se dolorosamente até à casa de banho para examinar os ferimentos. Não havia dúvida de que a rampa de acesso gelada tinha vencido. Do golpe na nuca escorria sangue à volta de algumas pedrinhas ainda encravadas no couro cabeludo. Como temera, já se tinha formado um galo significativo, emergindo como uma baleia corcunda a romper as ondas do seu cabelo ralo.

Mack teve dificuldade em fazer um penso, tentando descortinar a nuca com um pequeno espelho de mão que refletia uma imagem invertida do espelho da casa de banho. Depois de uma breve tentativa frustrada, desistiu, incapaz de conduzir as mãos na direção certa e de saber qual dos dois espelhos estava a mentir. Tateando com cuidado à volta do lenho empapado, conseguiu retirar os pedaços maiores de gravilha, até que a dor ficou demasiado intensa para continuar. Com um pouco de pomada de primeiros socorros, estancou o ferimento o melhor que pôde. Em seguida, amarrou uma toalha de rosto na nuca, usando um pouco de gaze que encontrou numa gaveta da casa de banho. Olhando-se no espelho, pensou que se parecia um pouco com um marinheiro tosco saído do romance *Moby Dick*. Isso deu-lhe vontade de rir, retraindo-se de imediato.

Teria de esperar até que Nan chegasse a casa e lhe fizesse um curativo a sério, uma das muitas vantagens de ser casado com uma enfermeira. De qualquer modo, sabia que quanto pior fosse a aparência, mais

cuidados iria receber. Se estivermos bem atentos acabamos por descobrir alguma compensação no sofrimento. Para atenuar a dor latejante, ingeriu dois analgésicos isentos de receita médica e coxeou até à porta da frente.

Nem por um instante Mack se esqueceu do bilhete. Remexendo na pilha de roupas molhadas e ensanguentadas, encontrou-o no bolso do casaco, examinou-o e voltou para o escritório. Encontrou o número de telefone do posto do correio e ligou. Como esperava, Annie, a matronal chefe do correio e guardiã dos segredos de toda a gente, atendeu.

– Olá, o Tony está aí, por acaso?

– Olá, Mack, é você? Reconheci a sua voz.

Claro que reconheceu.

– Desculpe, mas o Tony ainda não voltou – prosseguiu Annie. – Na verdade, acabo de falar com ele via rádio. Ainda só percorreu metade da Wildcat; ainda nem chegou à sua casa. Precisa que ele lhe ligue ou prefere deixar uma mensagem?

– Ah, olá. É você, Annie? – não pôde resistir a perguntar, mesmo que o sotaque carregado do Midwest não deixasse quaisquer dúvidas. – Desculpe, não estava atento. Não ouvi uma palavra do que disse.

Ela riu.

– Ora, ora, Mack. Sei muito bem que ouviu todas as palavras. Não brinque comigo. Que quer que diga ao Tony se conseguir voltar vivo?

– Com efeito, você já respondeu à minha pergunta.

Seguiu-se uma pausa do outro lado da linha.

– Na verdade, não me lembro de ter feito alguma pergunta. Que se passa consigo, Mack? Continua a fumar coisas esquisitas, ou só faz isso aos domingos de manhã, para conseguir suportar o serviço religioso?

Dito isto, desatou a rir, como se tivesse ficado surpreendida pelo brilho do seu próprio sentido de humor.

– Ora, Annie, sabe bem que eu nem sequer fumo. Nunca fumei nem quero fumar.

Claro que Annie não sabia, mas Mack não podia correr o risco de se fiar na forma como Annie se lembraria da conversa passados dois dias. Não seria a primeira vez que o sentido de humor de Annie se transformava numa boa história, que depressa se tornava num “facto”. Mack podia ver o seu nome acrescentado à corrente de orações da igreja.

– Tudo bem, eu falo com o Tony noutra altura; não é importante.

– Está bem. Então, não saia de casa, que é mais seguro. Sabe como é, um tipo velho como você pode perder a noção do equilíbrio com o passar dos anos. Não quero vê-lo escorregar e ficar com o orgulho ferido. Da maneira como o tempo está a ficar, o Tony é capaz de nem chegar a sua casa. Podemos muito bem andar na neve, no granizo e até na escuridão da noite, mas esta chuva gelada é um desafio.

– Obrigado, Annie. Tentarei lembrar-me do seu conselho. Falarei consigo mais tarde. Adeus.

Mack sentia a cabeça a latejar cada vez mais: pequenos martelos de bigorna a baterem ao ritmo do coração. “Estranho”, pensou, “quem ousaria colocar um bilhete daqueles na nossa caixa de correio?” Os analgésicos ainda não tinham começado a fazer efeito, mas eram suficientes para atenuar a sensação de preocupação que ele começava a sentir; e, de repente, Mack sentiu-se muito cansado. Pousou a cabeça na mesa; pouco depois, pensou que tinha acabado de adormecer, quando acordou sobressaltado com o toque do telefone.

– Ah... Estou?

– Olá, meu amor. Estás com uma voz de quem esteve a dormir.

Era Nan, com um tom de voz invulgarmente animado, embora Mack conseguisse detetar a tristeza subjacente que espreitava sob a superfície de cada conversa. Nan adorava aquele tempo, tanto como ele próprio. Mack acendeu o candeeiro da secretária e consultou o relógio, ficando surpreso ao constatar que estivera a dormir cerca de duas horas.

– Ah, desculpa. Acho que passei pelas brasas.

– É, pareces meio grogue. Está tudo bem?

– Está.

Mesmo estando quase escuro lá fora, Mack podia ver que a tempestade não amainara. Tinha até acumulado mais uns 5 centímetros de gelo. Os ramos das árvores vergavam-se e ele sabia que alguns acabariam por se quebrar com o peso, sobretudo se o vento se intensificasse.

– Tive um pequeno contratempo na rampa de acesso, quando fui ver a correspondência. Mas, fora isso, está tudo bem. E tu?

– Ainda estou em casa da Arlene e acho que eu e as crianças vamos passar aqui a noite. É sempre bom para a Kate estar com a família... parece ser uma forma que ela encontra para recuperar o equilíbrio.

Arlene era a irmã de Nan, que morava do outro lado do rio, no estado de Washington.

– Seja como for, está de facto demasiado escorregadio para sair. Esperemos que melhore de manhã. Queria ter chegado a casa antes que o tempo piorasse, mas o que se há de fazer? – desabafou e, após uma pausa, perguntou: – Como está tudo por aí?

– Bem, está absolutamente, espantosamente lindo; e muitíssimo mais seguro para olhar do que para andar, acredita. Eu, certamente, não quero que te aventures a chegar aqui, com este tempo. Nada se mexe. Acho que nem o Tony foi capaz de nos trazer a correspondência.

– Pensei que já tivesses recolhido a correspondência.

– Não, achei que o Tony tinha passado e fui ver. E... – hesitou, olhando para o bilhete que estava em cima da mesa – não havia nenhuma correspondência. Liguei para a Annie, que me disse que o Tony, provavelmente, não ia conseguir subir o monte; e eu já não volto a sair para o confirmar. Mas, enfim – mudou rapidamente de assunto, para evitar mais perguntas –, como está a Kate?

Houve uma pausa e depois um longo suspiro. Quando Nan falou, a sua voz saiu num sussurro, e Mack percebeu que ela estava a tapar o bocal, no outro lado da linha.

– Mack, quem me dera saber. É como se eu estivesse a falar com uma pedra. Por mais que tente, não consigo. Quando está rodeada da família, parece sair um pouco da couraça, mas depois recolhe-se de novo. Simplesmente, não sei o que fazer. Tenho rezado insistentemente para que Papá nos ajude a encontrar um modo de chegar a ela, mas... – Nan parou de novo –, ao que parece, ele não me dá ouvidos.

Aí estava. Papá era o nome que Nan usava para se referir a Deus e exprimir o deleite pela íntima amizade que tinha com ele.

– Querida, tenho a certeza de que Deus sabe o que está a fazer. Tudo vai dar certo.

Estas palavras não lhe traziam conforto, mas Mack esperava que pudessem aliviar a preocupação que sentia na voz dela.

– Eu sei – suspirou Nan. – Só gostaria que ele fosse um pouco mais rápido.

– Também eu – foi tudo o que Mack conseguiu dizer. – Bem, fica aí com as crianças, que é mais seguro. Dá um abraço à Arlene e ao Jimmy e agradece-lhes por mim. Espero ver-te amanhã.

– Está bem, amor. Tenho de ir ajudar os outros. Estão todos ocupados à procura de velas, para o caso de faltar a energia. Talvez devesse fazer o mesmo. Há algumas por cima da pia na cave e há um resto de empadão recheado no frigorífico, que podes aquecer. Tens a certeza que ficas bem?

– Sim, o meu orgulho é que está mais ferido do que tudo o resto.

– Bem, tem paciência. Oxalá possamos ver-nos amanhã de manhã.

– Está bem, amor. Cuida bem de ti e telefona-me, se precisares de alguma coisa. Adeus.

Foi uma observação um pouco disparatada, pensou Mack, ao pousar o telefone. Uma espécie de disparate masculino, como se ele pudesse ajudar caso eles precisassem de alguma coisa.

Mack sentou-se e olhou para o bilhete. Era confuso e doloroso tentar evitar a cacofonia de emoções perturbadoras e de imagens sombrias que lhe toldavam a mente – um milhão de pensamentos viajando a um milhão de quilómetros por hora. Por fim, desistiu, dobrou o bilhete, enfiou-o numa pequena lata que estava em cima da mesa e apagou a luz.

Conseguiu encontrar algo para aquecer no micro-ondas, pegou em alguns cobertores e travesseiros e foi para a sala de estar. Olhou de relance para o relógio e viu que o programa de Bill Moyer estava mesmo no início; era o seu programa predileto, que tentava nunca perder. Moyer era uma das pouquíssimas pessoas que Mack adoraria conhecer: um homem brilhante e franco, capaz de exprimir com uma clareza invulgar uma compaixão intensa pelas pessoas e pela verdade. Uma das histórias daquela noite tinha a ver com Boone Pickens, o explorador de petróleo que agora, surpreendentemente, estava a começar a fazer perfurações para captação de água.

Quase sem pensar e sem afastar os olhos da televisão, Mack estendeu a mão para a mesinha de canto, pegou numa moldura com a fotografia de uma menina e apertou-a contra o peito. Com a outra mão, puxou os cobertores até ao queixo e aninhou-se mais fundo no sofá.

Pouco depois, o som de roncões suaves encheu o ar, enquanto o aparelho exibia um estudante no Zimbabué, que fora espancado por se

expressar contra o Governo. Mas Mack já tinha saído da sala para lutar com os seus sonhos; talvez nessa noite não houvesse pesadelos, porventura apenas visões de gelo, árvores e gravidade.